

COM O PÉ NA ESTRADA: DISSEMINANDO SABERES E DIÁLOGOS PLURIPERSPECTIVADOS

Aline dos Santos Teixeira (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ)¹
Tatiana Maria Damasceno (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ)²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre algumas ações promovidas junto ao corpo social do Departamento de Arte Corporal da Escola de Educação Física e Desportos e à comunidade externa da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tais ações, desenvolvidas em disciplinas de graduação e projetos, propõem uma revisão crítica de referenciais conceituais, performáticos e coreográficos no ambiente universitário, vislumbrando equidade e representatividade nos processos de produção de conhecimento no campo da dança. São procedimentos que investem na qualificação de graduandos e oportunizam a vivência de conteúdos curriculares e extracurriculares de acordo com o compromisso da universidade de produzir, inovar e veicular o conhecimento através de funções integradas de ensino, pesquisa e extensão, com o objetivo de criar e possibilitar espaços de convivência entre saberes distintos e diversos. Para isso, investiga, cria e fomenta estratégias pedagógicas centrando o olhar na direção de fazeres corporais, práticas performativas e epistemologias que mobilizam conceitos ancorados na cosmovisão africana, afro-brasileira e afro-ameríndia, entendidos aqui como pensamentos e produções contra-hegemônicas.

PALAVRAS-CHAVE

Universidade; currículo; dança; plurisaberes; afrodiaspórico.

ABSTRACT

¹Artista e pesquisadora da dança. Professora dos cursos de graduação em dança da UFRJ e Bacharel em Dança pela mesma instituição. Mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes – EBA/UFRJ. Coordenadora dos Projetos de pesquisa Corpo Estranho e Coletivo Urbano. Assistente de direção e preparadora corporal da Cia Híbrida/RJ. alinesteixeira10@gmail.com

² Nome artístico: Tatiana Damasceno. Mulher preta, candomblecista, artista, docente e pesquisadora nos Cursos de Dança (Licenciatura, Bacharelado e Teoria) e do Curso de Pós-Graduação em Dança do Departamento de Arte Corporal da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Dança e Cultura Afro-Brasileira/NUDAFRO. Integrante do Grupo de Pesquisa Ancestralidades em Rede/GrupAR. tatiana@eefd.ufrj.br

This work aims to reflect on some actions promoted with the social body of the Department of Body Art of the School of Physical Education and Sports and the external community of the Federal University of Rio de Janeiro. Such actions, developed in under graduate courses and projects, propose a critical review of conceptual, performance and choreographic references in the university environment, envisioning equity and representation in the processes of knowledge production in the field of dance. Procedures that invest in the qualification of undergraduates providing opportunities for the experience of curricular and extracurricular content in accordance with the university's commitment to produce, innovate and disseminate knowledge via its integrated teaching, research and extension functions, with the objective of creating and enabling spaces for coexistence between different and several. For this, it investigates, creates and promotes pedagogical strategies, focusing the look towards bodily actions, performative practices and epistemologies, which mobilize concepts anchored in the African, Afro-Brazilian and Afro-American cosmology, understood here as anti-hegemonic thoughts and productions.

KEYWORDS

University; curriculum; dance; multi-knowledge; afro-disonic.

Algumas Questões

Que danças, técnicas corporais e performances são vistas, pensadas, apresentadas e trabalhadas na universidade? O que de fato abordar e apreciar na sala de aula e nos espetáculos de dança contemporânea atualmente? Quais corpos estão em cena? Que questões estão em pauta? Qual a configuração étnica dos estudantes e dos grupos/companhias? Qual o papel das universidades na reprodução de cânones estéticos e na legitimação de novos saberes?

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia, gerada pelo novo coronavírus, fato que provocou, em todo o mundo, longos períodos de isolamento social. Neste contexto, foi possível perceber que o ensino remoto potencializou as desigualdades sociais e raciais. Acontecimento que tornou mais urgente a revisão das referências primeiras que forjam o nosso pensar, o nosso fazer e a apreciação das danças.

Pelo exposto, indagamos: não será urgente a apreciação e uma crítica implicada sobre as produções de danças e performances que notoriamente são excluídas e

colocadas à margem do fluxo central dos acontecimentos artísticos, objetivando pluricentralizar múltiplos saberes, valores e histórias contextuais?

Oliveira (2020) no artigo *O cão celebra com o rabo, mas morde com a boca: pistas iniciais para produção de uma dança preta* esclarece que:

A educação tem sido utilizada, prioritariamente, como um espaço de reprodução das práticas sociais. [...]. E, as universidades vem cumprindo, ao longo dos tempos, uma função contraditória e ambivalente, tendo em vista que se de um lado reproduzem as convenções das estruturas sociais e formam forças produtivas; do outro lado, estimulam e perseguem ações individuais disruptivas, performativas, inovadoras e contra-hegemônicas. (2020, p 45).

O autor abre o pensamento sobre a importância da criação de estratégias afrodiaspóricas como um ato de resistência colonial. Ele conclui que as universidades e os currículos dos cursos superiores em dança são lugares de reprodução de conhecimentos racistas e opressores. Sendo assim, aponta que é preciso organizar de forma criativa espaços de resistências *quilombola*, “que instaura nos contextos universitários não a fuga, o medo, mas o encontro, a existência, o ato de dar-se a ver e, com isso, notabilizar-se” (2020, p. 50). A experiência de aquilombamento que o autor defende é por ele explicada a seguir:

Pretendemos defender, [...] a passagem da consciência do preto fugido para a consciência do preto quilombola que faz do seu corpo, da sua ancestralidade e da sua dança uma expressão de protesto radical. Aquilombar-se é um movimento social transgressor. Por isso, neste artigo, pretendemos chamar a atenção para o deslocamento da categoria quilombo de uma arena histórica para uma ambiência ideológica como um símbolo de resistência étnica e política. Assim, se outrora a noção de quilombo servia como forma de reação ao colonialismo sistêmico e estruturado socialmente; atualmente, a expressão combate novos modos de dominação, opressão e colonialismo racial. Entendemos, portanto, que a experiência quilombola é uma experiência de resistência e uma possibilidade de existência em uma sociedade fortemente marcada por lógicas racistas. Um ato de convivência e articulação social baseada em relações solidárias e contra-hegemônicas. (2020, p. 50).

Nesse sentido, assim como Oliveira (2020) que atualiza o entendimento da categoria quilombo no contexto atual, operamos com a categoria *terreiro* no território acadêmico, apontando restaurações, sem, no entanto, perder de vista as proposições fundantes contidas nele.

É preciso entender que, até o estabelecimento da instituição, que hoje conhecemos pela denominação de terreiro de candomblé, os grupos negros passaram por uma série de repressões, sendo marginalizados desde suas primeiras manifestações. Na segunda metade do século XIX, os terreiros são formados no próprio centro urbano, o centro do poder administrativo e político da cidade e passam a constituir um dos meios mais importantes de agregação social, identidade e resistência cultural da população negra e mestiça (SANTOS, 2009).

O terreiro (de candomblé) afigura-se como a forma social negro-brasileira por excelência, porque além da diversidade existencial e cultural que engendra, é um lugar originário de força ou potência social para uma etnia que experimenta a cidadania em condições desiguais. Através do terreiro e de sua originalidade diante do espaço europeu, obtêm-se traços fortes de subjetividade histórica das classes subalternas no Brasil. (SODRÉ, 2002, p. 20).

O terreiro de candomblé surge como uma resposta à escravidão e à necessidade de reatualização de práticas religiosas africanas contra os infortúnios, que iam além da escravidão. Emerge como uma instituição marginalizada e periférica, com ressignificação de velhas práticas e assimilação de outras (DAMASCENO, 2015, p. 66).

Dentro do universo acadêmico, local predominante de nossas atuações como professoras nos três cursos de graduação em dança, entendemos a categoria terreiro como uma força motriz que propicia a articulação de ideias e a reorganização de ações coletivas. Geradoras de práticas e discussões, onde o indivíduo vivencia, experimenta e percebe a produção do corpo em diferentes contextos, essas ações são capazes de responder às demandas impostas, sem perder de vista sua ancestralidade e encantamento.

O corpo nutrido e oborizado³, “por meio de autodefinições positivas e assertivas” (MAZAMA, 2009, p. 111), assume um papel imediato: “realiza a ação direta da produção da presença” (TAVARES, 2012, p. 81).

A produção da presença numa coletividade pode ser compreendida como um movimento social e político em que os sujeitos organizam práticas, expressam vontades e valores, afirmam identidades, articulam discursos abrindo espaço para novos significados e uma maior interação dos indivíduos (DAMASCENO, 2020, p. 636). Utilizamos o conceito *produção da presença* para localizar e fortalecer ações acadêmicas e artísticas. Percebemos a *produção da presença*, como um contorno de

³Bori ou obori– cerimônia ritual do candomblé “dar de comer à cabeça”.

atuação consciente da pessoa (ASANTE, 2009), um agente que forma e expõe o corpo político, social, poético e ancestral, em que os saberes se articulam e produzem epistemes afrodiaspóricas.

Com o pé na estrada: estratégias de terreirização e produção da presença

No Brasil, em função da pandemia, as universidades, incluindo a UFRJ, suspenderam suas atividades presenciais, passando a orientar que as atividades possíveis se adaptassem ao trabalho remoto. Muitos esforços foram (e continuam a ser realizados) para manter as atividades de forma a manter a qualidade pedagógica. Um desafio bastante complexo, já que os cursos de dança são majoritariamente presenciais e o ensino remoto não substitui as experiências geradas presencialmente.

Os projetos pedagógicos dos cursos de dança da UFRJ⁴ não apontam um único modelo conceitual sobre a dança voltado apenas para a prática da dança dita erudita, mas considera a complexidade e a diversidade cultural que envolve essa linguagem e, ao mesmo tempo, entende que há uma especificidade no saber de cada curso (bacharelado, licenciatura e teoria da dança). Contraditoriamente, essa diversidade cultural não é apresentada nas disciplinas obrigatórias ofertadas nas grades curriculares dos cursos, o que denuncia ainda a manutenção de referenciais hegemônicos que norteiam as relações de ensino e aprendizagem da dança no ambiente universitário.

A partir dessas inquietações, no período letivo de 2020 do 1º. semestre, as professoras Aline Teixeira e Tatiana Damasceno ofertaram aos cursos de dança do Departamento de Arte Corporal da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ a disciplina obrigatória, Tópicos Especiais em Apreciação Coreográfica (EFA301) - oferecida no quinto período das graduações⁵ - a partir de um filtro perceptivo afrodiaspórico.

Essa disciplina tem em sua ementa a missão de cobrir o período da dança contemporânea, trazendo à tona as suas principais correntes e tendências, o que acontece, de forma frequente, a partir das danças de caráter hegemônico. Visando abordar procedimentos que vislumbrem possíveis mudanças curriculares, propôs-se um debruçar sobre produções coreográficas e textuais de artistas pretas/os, colocando-os em lugar de destaque nos fazeres contemporâneos, abrindo a perspectiva sobre essas danças

⁴ Atualmente a UFRJ possui três graduações em Dança: Bacharelado em Dança, Licenciatura em Dança e Bacharelado em Teoria da Dança.

⁵Até o quarto período, que corresponde a dois anos do curso num total de quatro anos e meio, são ofertadas duas disciplinas obrigatórias, Folclore Brasileiro e Tópicos Especiais em Danças Folclóricas A.

e corpos construtores de narrativas simbólicas e diversas visões sobre um fenômeno do qual parte o conhecimento.

A maioria dos/as artistas apreciados/as era desconhecida dos alunos. Nesse aspecto, apontamos algumas possibilidades: os artistas apreciados não são citados nos livros estudados; eles não transitam nos circuitos das danças cênicas contemporâneas; eles não estão nos grandes teatros, nem nos festivais internacionais; eles também não estão na universidade. Se não são vistos nem conhecidos, onde eles se encontram? Concluímos, assim, a urgência de uma revisão crítica e estrutural do panorama da dança no ambiente universitário que contemple as culturas afrodiaspóricas, que vislumbre espaços de equidade e representatividade nos processos de produção de conhecimento no campo da dança.

A despeito desse panorama, no entanto, percebe-se algumas ações pontuais sendo realizadas dentro da universidade, principalmente através de projetos de pesquisa, produção artística e extensão que creditam componentes curriculares na forma de disciplinas optativas. Contudo, apesar dos projetos desenvolverem, discutirem e proporem práticas decoloniais, combatendo o encarceramento mental, psicológico e intelectual, valorizando saberes e experiências diversas, a oferta de disciplinas obrigatórias que apreciem esses múltiplos saberes específicos é escassa.

Apresentaremos alguns projetos que plantam e cultivam práticas e pensamentos, à luz do pensamento de Boaventura Santos (2010), ao promover a coexistência de saberes ainda divididos por uma “linha de pensamento abissal” para a construção de uma “ecologia de saberes”. Na encruzilhada das escolhas, o desafio do caminho é a procura por uma não hierarquização entre saberes acadêmicos e tradicionais, buscando um diálogo que colabore com uma perspectiva ecológica dos saberes.

NUDAFRO - coordenação: Profa. Tatiana Maria Damasceno

O NUDAFRO, formado por discentes, docentes, técnicos-administrativos, parceiros de outros projetos e simpatizantes, originou-se do projeto Memória Corporal da Cultura Afro-Brasileira ativo de 2003 a 2007. É na encruzilhada de múltiplos saberes e experiências que pesquisa e dissemina práticas e pensamentos de dança contemporânea afroreferenciadas, com enfoque nos estudos da performance e práticas performativas afro-urbana-ancestral.

As ações, direcionadas para diferentes atores sociais - através de apresentação de espetáculo coreográfico, performance, intervenção, oficinas e eventos - estimulam a

reflexão acerca da pesquisa artística desenvolvida por afrodescendentes (dança, música, literatura, etc.) e sua dimensão simbólica, histórica, religiosa, filosófica e social.

É por meio da linguagem da dança, das criações corporais, do estímulo ao pensamento sensível e afetivo dos participantes que desenvolve processos apoiados em temas e expressões oriundos de saberes tradicionais, populares, preto-referenciados percebidos como disparadores de conhecimentos que, muitas vezes, confrontam o pensamento hegemônico e eurocentrado, na medida em que são tidos como documentos de menor importância, não operando um diálogo de saberes, já que eles coexistem numa relação de submissão e iniquidade.



Figura 1: NUDAFRO 2018. Espetáculo Agô / CCO RJ⁶

Coletivo Urbano – coordenação Profa. Aline dos Santos Teixeira

O Coletivo Urbano é um espaço de pesquisa, criação e reflexão acerca das Danças Urbanas na contemporaneidade. Movido pelo desejo de encontrar espaço e legitimar danças de origem popular no âmbito universitário, faz-se agora núcleo de investigação e aprofundamento de saberes, que busca uma integração entre os aprendizados trazidos do meio urbano e os estudos acadêmicos que acarretam uma perspectiva diferente sobre o corpo. Presencialmente, um dos objetivos do projeto é propor aos seus praticantes um espaço para repensarem suas práticas, através de oficinas e laboratórios de experimentação e criação gestual, em grupo ou individualmente.

⁶ Fotografia: Julius Mack



Figura 2: Integrantes do Coletivo Urbano – 2019⁷



Figura 3: Coletivo Urbano desenvolvendo uma prática corporal⁸

PADE (Projeto em Africanidade na Dança Educação) - coordenação: Prof. Alexandre Carvalho dos Santos

O Projeto em Africanidade na Dança Educação (PADE/UFRJ) é um projeto de

⁷Fotografia: arquivo pessoal do coletivo

⁸Fotografia: Luís Silva

extensão que propõe um encontro entre a comunidade acadêmica e os saberes das comunidades de terreiro de Candomblé para afroreferenciar o corpo, o gesto e o movimento na criação em dança no Departamento de Arte Corporal, da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na terminologia yorubá a palavra *Padê* ou *Ìpàdé* significa o “ato do encontro” e, é também o nome de um ritual afroreligioso ofertado ao orixá Exu/Bara, primeiro ser criado, o “UM” que se multiplica ao infinito. Neste sentido, incorporado artístico e poeticamente de Exú, o PADE/UFRJ se multiplica em suas pesquisas em dança por muitos outros corpos dançantes, corporificando uma mensagem contra o racismo e a intolerância religiosa.



Figura 4: PADE UFRJ. Performance Meu Corpo Terreiro⁹



Figura 5: PADE UFRJ. Performance Meu Corpo Terreiro¹⁰

⁹Fotografia: Wagner Cria

Preservando e Construindo a Memória no Jongo - Coordenação: Prof. Renato Mendonça Barreto da Silva

O projeto visa desenvolver, de modo conjugado, atividades de pesquisa em artes integradas (Dança, Artes Visuais e Literatura africana) coordenadas comunitariamente por docente da UFRJ e diretoras da Casa do Jongo da Serrinha. Tendo como público alvo as crianças e adolescentes do Morro da Serrinha – Madureira (RJ). A comunidade artística jongueira pretende estimular a reflexão acerca da identidade dos educandos em torno das danças de umbigada, assim como, das literaturas afrocentradas a fim de registrar a memória de uma localidade partindo do “eu coletivo”. A ação com esta característica ocorre desde 2015.



Figura 6: Atividade do projeto na Casa do Jongo /Madureira RJ¹¹



Figura 7: Crianças em atividade musical. Casa do Jongo / Madureira RJ¹²

¹⁰Fotografia: Wagner Cria

¹¹Fotografia: Monique Oliveira

¹²Fotografia: Monique Oliveira

GRUPAR – Ancestralidades em Redes - Coordenação: Profas. Katya Gualter e Ângela Bretas.

O GRUPAR propõe investigar a **Geração de Saberes** em ambientes diversos de produção de conhecimento, através das ações do **Grupo de Pesquisa Ancestralidades em Rede**. Desde outubro de 2018, o grupo vem desenvolvendo encontros sistemáticos e ações que priorizam partilhas, as quais sinalizam a urgência de sedimentarmos espaços de interação dialógica. Esta iniciativa busca fomentar diálogos e estruturar proposições de fazeres conjuntos a fim de ultrapassar os muros da desigualdade, por trás dos quais, os corpos, oprimidos e aprisionados, são excluídos pelos padrões hegemônicos de sociedades forjadas no colonialismo. O Grupo é constituído por doze instituições de ensino, arte e cultura, públicas e privadas, formais e não formais entre os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Pernambuco, o que confirma o seu carácter interinstitucional, e interestadual, tendo como interlocutora a EEFD-UFRJ. A interinstitucionalidade, neste caso, privilegia fluxos contínuos para além dos limites das fronteiras geográficas e regionais, considerando todos os territórios físicos e simbólicos, bem como as práticas culturais peculiares a cada um deles.



Figura 8: Evento do GT Ancestralidade em Rede realizado nos dias 12, 13 e 27/11/2019

Seguindo em frente...

Até aqui, as ações desenvolvidas em disciplinas e nos projetos citados do departamento de arte corporal da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ, pretendem dinamizar o intercâmbio artístico e cultural entre a Universidade e a comunidade em geral, através de ações socioculturais na área de dança como forma de arte-educação. Contribuindo com a reelaboração de pensamentos, discursos e ações sobre as relações étnico-raciais, ao apresentar estratégias e inspirações ancoradas na diversidade, no respeito, nos direitos humanos, na pedagogia da ancestralidade e na estética negro-referenciada. Pretendemos promover e disseminar reflexões práticas e teóricas sobre a dança/arte na interface com a cultura africana, afro-brasileira e afro-ameríndia, ao experimentar as contribuições e sedimentações oriundas da matriz cultural africana no universo sensório-imaginário e concreto do corpo, de forma a ressignificar o corpo como um espaço-território de saberes coletivos.

REFERÊNCIAS CITADAS

ASANTE, MolefiKete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In.: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo. Selo Negro, 2009.

MAZANA, Ama. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In.: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade como um novo paradigma**. São Paulo. Selo Negro, 2009.

DAMASCENO, Tatiana Maria. **Nas Águas de Iemanjá**: um estudo das práticas performativas no candomblé e na festa à beira-mar. Tese de Doutorado em Artes Cênicas. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

DAMASCENO, Tatiana Maria. **Pretos Velhos e Pretos Novos**: memórias de práticas de danças afroreferenciadas e criações cênicas. p. **631 – 645**. **ANDA 2020 EBOOK 6 Dança e Diáspora. Disponível em:** Publicações – ANDA (portalanda.org.br). Conrado, Amélia Vitória de Souza. Dança e diáspora negra: poéticas políticas, modos de saber e epistemes outras/ Amélia Vitória de Souza Conrado; Celina Nunes de Alcântara; Fernando Marques Camargo Ferraz; Maria de Lurdes Barros da Paixão, organizadores. – Salvador /; ANDA, 2020. – 674. : il. – (Coleção Quais danças estão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo, 6).

OLIVEIRA, Victor Hugo Neves de. **O cão celebra com o rabo, mas morde com a boca**: pistas iniciais para produção de uma dança preta. Rascunhos | Uberlândia, MG | v.7 | n.1 | p. 44-56 | jan. jun. 2020 | ISSN 2358-3703.

SANTOS, Boaventura de S. S. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes.** In: Epistemologias do sul. SANTOS, B. S. & MENESES, M. P. (org.). São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **Geografia religiosa afro-brasileira no século XIX.** In: Revista VeraCidade, Salvador, ano IV, No. 5, outubro de 2009.

SODRÉ, Jaime. **O terreiro e a cidade:** a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Imago Ed; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

TAVARES, Júlio César de. **Dança da Guerra:** arquivo e arma: elementos para uma teoria da capoeiragem e da comunicação corporal afro-brasileira. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.